

Os presépios: uma leitura ecoteológica

Felipe Cunha Azevedo¹

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura ecológica do presépio, aproximando a narrativa do Evangelho de Lucas com a tradição popularizada por Francisco de Assis, isto é, trata-se de uma conexão entre o presépio de Belém e o presépio de Greccio. Os dois possuem originalidades significativas para a formação da consciência ecoteológica atual. Desse modo, os presépios figuram a coexistência saudável entre os seres vivos e a vida em toda sua extensão. A admiração provocada pelos presépios pode despertar o cultivo de uma ecologia integral, fundada na Encarnação do Filho de Deus, que assume em si toda a criação e a humanidade.

Palavras-chave: Presépio. Manjedoura. Lucas. Francisco.

Abstract: This article presents an ecological reading of the nativity scene, bringing together the narrative of the Gospel of Luke with the tradition popularized by Francis of Assisi, that is, it is a connection between the nativity scene of Bethlehem and the nativity scene of Greccio. Both have significant originalities for the formation of today's ecotheological consciousness. In this way, the cribs represent the healthy coexistence between living beings and life in all its extension. The awe provoked by the cribs can awaken the cultivation of an integral ecology, founded on the Incarnation of the Son of God, who takes all of creation and humanity into himself.

Keywords: Nativity scene. Manger. Luke. Francis.

INTRODUÇÃO

A palavra 'presépio' origina-se do latim *praesepe* ou *praesepium* (TORRINHA, 1942, p. 678) e é composta pela junção de *prae* (obstáculo, à frente) e *saepes* (fechado, cercado). Desse modo, *praesepium* (presépio) é o local cercado onde se recolhe os animais, o estábulo, o curral, a estrebaria etc. O mesmo vocábulo contém significado de manjedoura, uma vez que no léxico latino não se encontra uma palavra específica para demonstrá-lo.

No entanto, foi por meio do verbo latino *manducare* (comer) que outros idiomas conseguiram ortografar em seus léxicos o significado de "manjedoura". Na versão italiana, *mangiatoia*, na francesa, *mangeur*. Da mesma forma manjedoura em português. Essa palavra resulta do arranjo entre o radical – manje (*manger* – comer) mais o sufixo – dour (lugar da ação). Literalmente manjedoura é o comedor, o cocho, o recipiente de alimento dos animais.

1 Graduando em Teologia pela FAJE. Pesquisa realizada como bolsista CNPq do programa de Iniciação Científica da FAJE, no período de 1/9/2022 a 31/8/2023, sob orientação do professor Dr. Afonso Murad, inserida no projeto Ecoteologia: singularidade, temas relevantes, perspectivas. E-mail: felipecunhaazevedobd@gmail.com

A palavra grega *φάτνη* – *phátnē* refere-se especificamente a “manjedoura”. Em hebraico, entende-se no sentido de “manjedoura” o termo: סוּבָּה – *’ébúwç* (Is 1,3; Pr 14,4; Jó 39,9). A Septuaginta traduziu como *phatné* alguns termos hebraicos que são distintos no léxico hebraico dos textos do Antigo Testamento: הֶנָּח “estábulo ou baia de cavalos” (2Cr 32,28); תֶּפַּר “curral” (Hab 3,17), לֵילֵךְ “forragem, ração” (Ió 6,5). “Parece bastante provável que a LXX, não compreendendo esses termos, usasse o termo mais comum, *phátn*, que não violenta o contexto” (MCKENZIE, 1983, p.575).

No Novo Testamento, dois dos quatro evangelhos, Mateus e Lucas, desenvolvem narrativas do nascimento de Jesus. Mas, a expressão *phátnē* só aparece no evangelho de Lucas e ocorre quatro vezes. As três primeiras (Lc 2,7.12.16) aludem ao lugar em que Jesus, o recém-nascido, foi recostado e a última ocorrência (Lc 13,15) apresenta o ambiente da comida dos animais.

1 O PRESÉPIO DE LUCAS

Os evangelhos de Mateus e de Lucas, cada um à sua maneira, narram o nascimento de Jesus. Embora tratem do mesmo período da vida de Jesus, as duas narrativas possuem perspectivas distintas. Ambas utilizam recursos literários e culturais recorrentes a tradição de Israel. Para Brown: “A concordância das duas narrativas da infância teria de sugerir a existência de uma tradição da infância comum anterior à obra dos dois evangelistas” (BROWN, 2005, p.44). No entanto, cada um deles apresenta singularidades relevantes em suas narrativas.

No evangelho de Lucas, concentra-se alguns acontecimentos da infância de Jesus que Mateus não menciona e vice-versa. O episódio da manjedoura, isto é, do presépio, é um deles. Tornou-se um marco interessante na distinção entre os dois relatos bíblicos da natividade de Jesus, o Filho de Deus. Somente Lucas narra o presépio como cenário primoroso para o nascimento de Jesus. Toda a narrativa do presépio serve-se da tradição histórica de Israel, fazendo uma releitura do nascimento de Jesus a partir da cultura, da memória e costumes hebraicos.

A narrativa do presépio está localizada no segundo capítulo do evangelho de Lucas (Lc 2). Em geral, diversos autores intitulam os dois primeiros capítulos de Lucas como “evangelho da infância” de Jesus. Segundo Joseph Ratzinger:

Procurou-se compreender a caracterização destes dois capítulos, Lucas 1-2, a partir de um gênero literário hebraico antigo, designando-os como um *midrash haggático*, isto é, uma interpretação da Sagrada Escritura através de narrações. A semelhança literária é inegável; e, todavia, é claro que a narrativa de Lucas da infância não se situa no antigo judaísmo, mas no cristianismo primitivo (RATZINGER, 2012, p.22).

Nesta perspectiva, a narrativa do presépio de Belém surge da hermenêutica e leitura teológica feita à luz da Páscoa. Em torno de Jesus, após a Ressurreição, foram compostas histórias, ou melhor, narrações a seu respeito: suas origens, sua família, seu nascimento, dentre outras curiosidades inerentes às primeiras comunidades. Tais produções neotestamentárias tinham a preocupação de atribuir sentido à realidade fundadora da fé cristã. Desse modo, quiseram traduzir teologicamente acontecimentos relevantes da vida de Jesus, conformando-os com as Sagradas Escrituras, ou seja, por meio da elaboração narrativa com traços *haggádicos*.

A esse respeito afirma Casalegno:

vários autores sustentam que, em relação a Lucas, não se pode falar propriamente de *midrash*, destacando que o termo seja talvez mais apropriado para Mateus. [...] Chamamos, porém, a atenção sobre o fato de que Lc 1-2 é um verdadeiro “bordado” de textos escriturísticos. Há uma só citação explícita à Escritura (2,23-24); porém muitas reminiscências implícitas (2003, p.53).

A expressão “bordado” realça o aspecto artístico da narrativa *haggádica* no evangelho de Lucas. O narrador, como um exímio bordador, vai aos poucos tecendo a narrativa entrelaçando os fios dos fatos com os fios da Sagradas Escrituras, que na trama se apresenta de maneira implícita ou explícita.

Toda narração surge da capacidade criativa do narrador de contar a mesma história do seu próprio jeito. Mateus e Lucas narram o fato do nascimento de Jesus utilizando dos artifícios da narrativa *haggádica* com o intuito de escrever teologicamente os acontecimentos históricos. Portanto, o mesmo conteúdo (a natividade de Jesus) ganham dos evangelistas tecituras narrativas originais. Porém, não significa que as suas narrativas sejam abstratas ou imaginárias, criadas sem fundamento real, ou de descrever os fatos em forma de reportagens, biografias e crônicas. As duas narrativas do nascimento de Jesus são produções teológicas que desde o começo do evangelho manifestam o pensamento do evangelista a respeito de Jesus. Casalegno afirma:

O texto de Lc 1-2 está, portanto, bem longe de ser uma crônica fiel da vida de Jesus menino. O autor não tem interesse biográfico. Não está investigando as origens de Jesus, como se costumava fazer na antiguidade em relação a muitos personagens importantes. Tampouco o relato da infância lucano é uma coletânea de lendas e de fatos extraordinários, segundo o estilo de muitas narrações antigas, para provar a superioridade do herói celebrado em relação aos demais. Aproximando-se do texto de Lc 1-2, deve-se, pois, banir qualquer tipo de curiosidade doentia que deseja conhecer pormenores do que se passou na infância de Jesus (CASALEGNO, 2003, pp.48-49).

Nesse sentido, a narração lucana comporta uma perfeita conexão de seus vários elementos devidamente articulados, de forma a se perceber a unidade do conjunto, formando uma peça harmônica. Considera-se o contexto originário, a história, a arqueologia, a etnologia e suas particularidades habituais e idiomáticas, e outras que tenham sido empregadas na elaboração do texto bíblico. É, pois, no horizonte do conjunto dos elementos originários que será possível identificar os elementos constitutivos na estruturação interna da narrativa. “O real sempre está presente a nós de maneira mediada, isto é, construída mediante a rede simbólica da cultura que nos modela” (CHAUVET, 2023, p.87).

Com efeito, a linguagem narrativa é mediação, já que o real como tal é inacessível. Nesse sentido, “as narrativas têm o poder de modelar a realidade, uma vez que elas são teleológicas, isto é, são direcionadas para um fim, enquanto a vida real não é. As narrativas fazem parte dessa tendência humana de dar sentido ao mundo” (PASSOS; USARSKI, 2013, p. 447). Portanto, o evangelho se exprime melhor na forma narrativa, com o seu novo modo de apreender, de interpretar e de compreender a realidade. Até mesmo como maneira diferente de abordar objetos de conhecimento, sem prender-se unicamente a ocorrência dos fatos ou na limitação dos conceitos.

Segundo Libânio:

A força da narração consiste em tornar entendido o narrado, não principalmente pela via do conceito. O universo conceitual não dá conta de tudo. A narração contém elementos que ultrapassam as formalizações conceituais. Condensa, simplifica, torna mais acessíveis eventos fundadores da existência humana (LIBÂNIO, 2012, v. 2, p.7).

A arte narrativa extrapola o entendimento da realidade, reduzida muitas vezes aos conceitos empíricos, incapazes de elucidar tudo. É nesse sentido que as duas narrativas do nascimento de Jesus se distinguem tanto dos extremos do universo conceitual tanto quanto da ficção, que se organiza fora do tempo e do espaço.

No evangelho de Lucas, o narrador com sua experiência procura transmitir ao destinatário Teófilo a percepção do agir de Deus na realidade. Portanto, a narrativa da natividade de Jesus está sujeita à historicidade, que deriva da sua contínua realização no tempo e no espaço. Nesse relato, são utilizados recursos literários para transmitir o fato tangível do Deus que se revela na aparência frágil de um recém-nascido, procurando formar uma unidade de sentido da realidade, a ser compreendida com facilidade pelo leitor. Sua produção se incumbe de transmitir a presença fatual de Deus no evento do nascimento de Jesus.

Tendo Deus se revelado aos seres humanos concretos e históricos, não há outra alternativa a não ser a sua manifestação mediada em símbolos linguísticos ou socioculturais. A própria natureza dos textos bíblicos requer o uso de uma metodologia histórica para a sua correta interpretação. Embora a Bíblia seja a palavra de Deus para a Igreja, isto não significa que Deus tenha dado um valor absoluto à condição histórica da mensagem. A narrativa está

aberta à interpretação e à atualização. Assim, a Escritura e as formulações teológicas e doutrinárias são o resultado de uma interpretação humana reflexiva e crítica e estão condicionadas quanto a seus próprios intérpretes.

Nessa perspectiva da linguagem, o ideal é interessar-se não apenas pelo enunciado, mas pela significação, que se dá mediante a interpretação. A significação não se determina só pelas regras gramaticais, mas pelo contexto mais amplo, segundo as circunstâncias de seu tempo e da sua cultura. Libânio diz que “a narração tem enorme força de acordar-nos para o significado. Ela goza de especial qualidade de organizar elementos dispersos dentro de uma história e arrumar no interior das pessoas certas desorganizações. Só existe significado onde e quando se estabelece ordem em aparente caos” (LIBÂNIO, 2012, p.9). De certa maneira, a narração mostra-se inesgotável de significado, devido à sua recorrência aos objetos simbólicos.

Quando Ricoeur afirma que o símbolo dá o que pensar, o pensamento se relaciona com a intenção secundária do símbolo, intermediada pelo sentido literal. O signo, por sua vez, relaciona-se apenas com a intenção primária, literal. O signo (sinal) indica apenas um sentido, é denotativo, ao passo que o símbolo indica uma pluralidade de sentidos, é conotativo ou polissêmico: nele, o significado e o significante (o objeto simbólico) são infinitamente abertos. (PASSOS; USARSKI, 2013, p. 462).

A narração está constantemente situada entre o sinal e o símbolo, sempre misturados, ou melhor, articulados. Portanto, é impossível, na narrativa, afirmar de maneira unilateral: “isso é um sinal” ou “aquilo é um símbolo”. “O que diferencia o símbolo do signo é sua dupla intencionalidade, o duplo sentido que o símbolo esconde” (PASSOS; USARSKI, 2013, p. XX). Em todas as narrativas que a Sagrada Escritura, encontra-se signos abertos, sugestivos, isto é, objetos simbólicos. Em Lucas, não acontece diferente, o anjo anuncia aos pastores literalmente um signo ou sinal: “E isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em faixas deitado numa manjedoura” (Lc 2,12).

Os pastores acham o sinal dado pelo anjo (v.12). Mas este ‘sinal’ não atesta simplesmente a veracidade da mensagem do anjo, mas corrobora e exemplifica a mensagem que Jesus é o Salvador (v.11). [...] A esta característica corresponde sua significativa presença na manjedoura, o sinal de que é Deus quem sustenta seu povo (BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p.233).

Portanto, esse sinal é um símbolo, isto é, significa algo além de seu próprio sentido primário. “O símbolo é um signo aberto e sugestivo, cuja significação, posta nele por seu produtor, é captada mediante um ato posterior de interpretação. Enfim, o símbolo é totalizador, pois o sagrado é, por sua própria essência, captado na vivência religiosa como uma totalidade ontológica” (PASSOS; USARSKI, 2013, p. 463). O sinal aponta para uma realidade fora de si

mesmo. Já o símbolo traz consigo o conteúdo, o significado da realidade apontada. A manjedoura enquanto sinal dado aos pastores se tornou símbolo da presença do Verbo encarnado.

Lucas está interessado no simbolismo da manjedoura e a falta de lugar na hospedaria pode não ser mais do que uma vaga conjectura, a fim de explicar referência a uma manjedoura. Essa manjedoura não é sinal de pobreza, mas, provavelmente, a evocação da queixa de Deus contra Israel em Isaías 1,3: “O boi conhece o seu dono, e o jumento, a manjedoura de seu senhor, mas Israel é incapaz de conhecer, meu povo não entende” (BROWN, 1990, p.28).

O profeta descreve *Iahweh* como um pai e o povo de Israel como seus diletos filhos. Porém, estes revoltaram-se contra *Iahweh*. Por isso, são considerados desatenciosos, estúpidos e teimosos. Analogamente, talvez agissem piores que o “boi” e o “jumento”. Pois, enquanto os filhos de Israel desconsideram o cuidado de *Iahweh*, os animais “prestavam atenção” (v.2). No entanto, o desencontro de Israel com *Iahweh* é apresentado como causa de devastação movido pelos assírios, após rebelião de Ezequias contra Senaquerib. Nesse sentido, “Lucas proclama que o dito de Isaías foi revogado. Agora, quando a boa nova do nascimento do Senhor é anunciada aos pastores, eles vão encontrar o menino na manjedoura e começam a glorificar a Deus. Em outras palavras, o povo de Deus começa a conhecer a manjedoura do Senhor” (BROWN, 1990, p.28).

O anjo, quando encontra os pastores, dissipa deles o medo e anuncia-lhes “uma grande alegria, que será para todo o povo: “nasceu-vos hoje um salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade Davi” (Lc 2,11). Alguns estudiosos indicam que o nascimento de Jesus em Belém, conforme o Evangelho, provavelmente é um trecho *midráxico* para dizer sobre o caráter messiânico de Jesus. O oráculo do profeta Miqueias anuncia o nascimento, na cidade de Belém, de um libertador para o povo de Israel (cf. Mq 5,1-4). O profeta Miqueias fixa o olhar num futuro distante e anuncia que de Belém sairia o Pastor que havia de apascentar um dia o povo de Israel.

“Há vários temas em Mq 4-5 que têm paralelos em Lc 2,1-20” (BROWN, 2005, p.505). É verdade que muitos judeus do tempo de Jesus esperavam que o Messias nascesse em Belém (Mq 5,13), isto é, esperavam um novo Davi. Em Lc 2,4-11, enfatiza-se que Jesus nasceu em Belém, visto que essa era a cidade de Jessé e de seu filho Davi (1Sm 16,4s), que foi escolhido para ser rei das doze tribos de Israel. Em nome de *Iahweh*, o rei deveria pastorear seu rebanho. O nome da cidade *Bêt’lehem*, do hebraico, significa casa do pão. Também identificada como Éfrata, que significa terra frutífera ou fértil (Mq 5,1). “Para Lucas, os pais moravam em Nazaré da Galileia e, por isso, é fornecida uma razão específica para estarem em Belém, onde não tinham casa” (Lc 2,7). José, sendo da descendência da casa de Davi, põe-se a caminho, rumo a Belém, acompanhado por Maria, já próxima do parto (v.5): “Quando estavam ali completaram-se os dias de ela dar à luz” (Lc 2,6).

Lucas coloca o casal em Belém durante algum tempo antes do menino nascer. “É possível que ambos tenham sido acolhidos por parentes de José e que, impossibilitados de se hospedarem na sala (*Katályma*) destinada aos hóspedes, tenham sido alojados no compartimento debaixo, uma espécie de porão onde eram acomodados os animais” (MASCILONGO; LANDI, 2021, p. 200). Era comum a construção das casas alicerçadas sobre as rochas calcárias próprias da região. Nesse sentido, diz o evangelista: “Ao construir uma casa, cavou, aprofundou e lançou o alicerce sobre a rocha” (Lc 6,48). As cavidades rochosas eram reaproveitadas como abrigo para os animais domésticos e nas suas paredes eram escavados os cochos dos animais. Assim, Maria e José tiveram de ir possivelmente para um porão, onde costuma ficar a manjedoura nos lares que tinham posses de animais.

Em “Lc 22,11, o termo *kataliyma* também foi utilizado para designar a sala onde Jesus vai comer com os discípulos” (BROWN, 2005, p.478). A “sala provavelmente signifique uma hospedaria de dois andares de 13 x 21 m. Os animais ficavam no pátio interior. A cozinha e outras instalações ficavam no andar térreo. Os quartos, alguns dos quais eram grandes, ficavam no segundo andar” (BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p.232). O boi e/ou jumento da família ficavam no porão. Eram trazidos para o interior da casa à noite e levado para fora a cada manhã, isto é, as famílias que possuíam algum animal doméstico realizavam diariamente a tarefa de guardar os animais ao anoitecer e de retirá-los ao amanhecer. Deixar os animais na casa durante o dia era algo impensável. Tudo isso é pressuposto pela narrativa de Lucas: “Cada um de vós, no sábado, não solta seu boi ou seu jumento da manjedoura para dar-lhe de beber?” (Lc 13,15).

“A manjedoura podia ser um cocho móvel colocado no chão ou uma cavidade em uma saliência rochosa” (BROWN, 2005, p.476). Provavelmente as manjedouras feitas escavadas nas rochas ou pedras lavradas, não de madeira. Elas “são naturalmente encontradas em estábulos de animais. Logo, Jesus nasceu em um estábulo. No entanto, em um lar camponês da Palestina e Líbano, a manjedoura está construída no solo da casa”. O material de construção das casas “raramente era a madeira, exceto para encaixes e tábuas para assoalho e forro; a estrutura era de pedra ou tijolo de argila, dependendo do material mais facilmente disponível” (MCKENZIE, 1983, p.154). “O presépio, manjedoura de animais, estava colocado certamente numa parede do pobre alojamento, tão superlotado, que não pode encontrar lugar melhor que este para deitar a criança” (BÍBLIA de Jerusalém, 2015, p. 2042, nota “b” a Lc 2,7).

A narrativa do nascimento de Jesus também demonstra ligação à tradição sapiencial do Antigo Testamento. O evangelho lucano faz alusão às Escrituras de Israel e em vez de citá-las de forma direta utiliza algumas imagens interessantes indiretas. Por exemplo, Jesus como aquele que é “mais do que Salomão” (Lc 11,31c). Em Sb 7,4-6, Salomão, o rei sábio por excelência, fala na primeira pessoa: “Envolto em faixas fui criado entre cuidados; pois nenhum rei começa a vida de outra maneira. Para todos é uma só a entrada na vida, e uma só, a saída”. As faixas possivelmente indicam a efemeridade da vida humana assumida por Jesus que também nasceu e morreu como todos os seres humanos.

O biblista Aristides Serra indica que tal ‘sinal’ mostra a fragilidade da condição humana que Jesus assume totalmente, sujeito aos limites e fraquezas que colocam a morte no destino do ser humano. Desta forma, tal cena nos remete a outro ‘enfaixamento’ que o corpo de Jesus recebeu: José de Arimatéia, pedindo o corpo de Jesus para ser sepultado, ‘envolveu-o num lençol e o colocou-o numa tumba talhada na pedra’ (Lc 23,53). Isto é, o homem de Arimatéia também enfaixou o corpo de Jesus e o reclinou no sepulcro. Deixa claro que Jesus vai assumir a condição humana desde o nascimento até a sua morte (TORQUARTO; ROZIN, 2020, p.292).

Tanto no nascimento como na morte, Jesus, é apresentado envolto em faixas, segundo Lucas. Isto para indicar o percurso de sua encarnação, que começa na concepção e culmina no Sepulcro da Ressurreição. As entranhas da Terra tornaram-se uma espécie de “casa comum” para Jesus. Envolto em faixas ele foi reclinado no colo da Terra tanto no presépio, como no sepulcro. A cavidade do presépio se transformou no local da Encarnação e a cavidade do túmulo da morte se transformou no local da Ressurreição. O túmulo é semelhante à manjedoura de Belém, lugar de Vida plena. Portanto, podemos afirmar que Jesus restitui a vida do mundo passando pelas suas “frestas”, ou melhor, pelas suas entranhas.

2 O PRESÉPIO DE FRANCISCO DE ASSIS

A manjedoura já nos primeiros séculos da era cristã foi representada algumas vezes como uma espécie de “túmulo talhado na rocha” (cf. Lc 23,53), ou colocado no interior de uma gruta. Segundo Ratzinger: “A tradição dos ícones, com base na teologia dos Padres, interpretou teologicamente também a manjedoura e as faixas. O menino rigorosamente envolvido com as faixas aparece como uma alusão antecipada à hora de sua morte” (RATZINGER, 2012, p.60-61), e consequentemente do seu sepultamento.

Gregório Nazianzeno, do século IV d.C., assim escreveu: “Começando com as pobres faixas do menino Jesus, como símbolo do nascimento do Messias, e terminando com o seu corpo morto envolto numa mortalha no túmulo, Lucas estabelece uma ligação entre o nascimento, a morte e a ressurreição de Jesus” (JUST, 2016, p.82). No entanto, a compreensão de que Jesus tenha nascido dentro de uma gruta aparece em obras literárias datadas do século II d.C., tendo como ocorrência o *Diálogo com Trifão*, do mártir Justino de Roma: “Antes, porém, quando o menino nasceu em Belém, como José não encontrasse onde alojar-se nessa aldeia, retirou-se para uma gruta próxima. Então, estando aí os dois, Maria deu à luz a Cristo e o colocou num presépio” (JUSTINO, 1995, p.232). Inclusive, Orígenes, no séc. III d.C. também faz menção ao provável local do nascimento de Jesus, na sua obra *Contra Celso*:

Mas, para se convencer de que Jesus nasceu em Belém, se alguém, depois da profecia de Miqueias e depois da história registrada nos evangelhos pelos discípulos de Jesus, desejar mais provas, mostra-se,

é bom saber, de acordo com a história evangélica do seu nascimento, em Belém, a gruta que ele nasceu, e, na gruta, a manjedoura em que foi envolvido em panos (ORÍGENES, 2004, p.59).

Pode-se ver, portanto, através dessas informações escritas, dos primeiros séculos, uma notável tradição existente sobre a gruta de Belém onde a Virgem Maria deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o em panos e o recostou num presépio. Sabe-se que no final do séc. IV, Jerônimo passou a morar e trabalhar em Belém, prosseguindo o estudo e a tradução latina da Bíblia: “viveu durante vários anos numa das grutas adjacentes àquela que a tradição indicava como sendo a do nascimento de Jesus. Constantino mandou construir, no ano de 325 d.C., uma basílica de cinco naves sobre várias grutas, numa das quais, segundo a tradição, tinha nascido Jesus” (BARREIRO, 2022, p.122). No entanto, os evangelhos não falam de uma gruta, que constitui apenas um dado da tradição local. É certo que na região de Belém, existem muitas grutas escavadas na rocha, que também serviam para proteger tanto animais como pessoas.

Francisco de Assis, no século XIII, seguiu a tradição patrística que compreendia a realização do nascimento de Jesus no interior de uma gruta em Belém. Em 1223, quatro anos após a sua viagem à Terra Santa, estando no Vale de Rieti, nas proximidades das grutas de Greccio, pode recordar a paisagem de Belém. Frei Tomás de Celano, seu discípulo, contou que

faltando quinze dias para a celebração do Natal do Senhor, Francisco de Assis pediu que João, seu amigo, o ajudasse a concretizar sua aspiração e disse-lhe: “quero celebrar a memória daquele menino que nasceu em Belém e ver de algum modo com os olhos corporais os apuros e necessidades da infância dele, como foi reclinado no presépio (cf. Lc 2,7) e como, estando presentes o boi e o burro, foi colocado sobre o feno” (CELANO, 2018, p.81).

Com solicitude e entusiasmo, João providenciou tudo que era necessário. “E, de fato, prepara-se o presépio, traz-se o feno, são conduzidos o boi e o burro. Ali se honra a simplicidade, se exalta a pobreza, se elogia a humildade; e de Greccio se fez como que uma nova Belém” (CELANO, 2018, p.81). Francisco, “encontrando tudo preparado, viu e alegrou-se”. No interior da gruta foi colocado a manjedoura com o feno e, junto dela, o boi e o burro. Na noite de Natal, partiram homens e mulheres de toda a região para celebrar diante do presépio a solene vigília. Francisco de Assis, permaneceu diante do presépio, “cheio de suspiros, contrito de piedade e transbordante de admirável alegria” (CELANO, 2018, p.82). Pois o seu “principal desejo e supremo propósito era observar em tudo e por tudo o santo Evangelho” (CELANO, 2018, p.80).

No segundo livro da vida, no capítulo CLI, Tomás de Celano registrou a afável aspiração de São Francisco. Ele “queria que nesse dia os pobres e famintos fossem saciados (cf. 1Sm 2,5) pelos ricos e que aos bois e aos burros fossem concedidos ração e feno mais do que de costume” (CELANO, 2018, p. 259). Além disso, o biógrafo também reproduziu as palavras

proferidas por Francisco na ocasião do Natal: “Se eu pudesse falar com o imperador, pediria que se fizesse uma lei geral para que todos aqueles que podem atirem pelas ruas trigo e grãos, a fim de que, no dia tão grande solenidade, os pássaros tenham fartura, principalmente as irmãs cotovias” (CELANO, 2018, p. 259).

A tradição atribuiu a São Francisco de Assis a primeira criação de um quadro vivo representando a natividade do Senhor. De acordo com Brown: “O entendimento popular de Lc 2,1-20 não foi moldado só pela pregação e pela narração de histórias, mas também pela arte e, em especial, pela tradição da cena do presépio ou manjedoura de Natal. Esse costume foi popularizado por São Francisco de Assis, a partir da missa da meia-noite em Greccio, em 1223, e o espírito dócil e o amor à pobreza desse santo, chamado *Il Poverello*, deixaram sua marca de interpretação da narrativa lucana do nascimento” (BROWN, 2005, p.501). Embora a representação da gruta de Belém fosse comum na arte cristã dos primeiros séculos, o presépio de Francisco introduz a representação popular da Natividade do Senhor na devoção dos fiéis.

O presépio intuído por São Francisco tinha o propósito de “visualizar, sensibilizar, facilitar a meditação evangélica, do conteúdo do mistério de Jesus Cristo, que nasceu na pobreza, na simplicidade, para fazer o homem mais humano: filho de Deus, irmão de todos os demais homens, harmonizado com o cosmo” (NERY, 1978, p.37). De fato, a admiração do *Poverello* de Assis com a manjedoura possui uma relevância inegável para a formação da consciência ecoteológica em nosso tempo, tão carente de encantamento e fascínio. Passados oito séculos, o presépio tem muito a nos ensinar sobre a importância de estarmos juntos com as demais criaturas numa gruta, ao redor da manjedoura, na presença de pessoas e dos animais, da vegetação iluminada pelo céu estrelado contemplando o mistério da encarnação.

Frei Tomás de Celano, no livro *Vita Prima*, capítulo XXX, nº. 85, v.8, narra com ênfase a alegria de todo o povo e os hinos festivos entoados na gruta de Greccio, na memorável noite do Natal. Então, escreveu: “O bosque faz ressoar as vozes, e as rochas respondem aos que rejubilam. Os irmãos cantam, rendendo Louvores ao Senhor, e toda a noite dança de júbilo” (CELANO, 2018, p.82). Esse pequeno verso nos recorda o Cântico das Criaturas, possivelmente entoado diante da manjedoura e irradiado por toda a Terra, nossa casa comum. Possivelmente, foi naquela noite “iluminada como dia (cf. Sl 138,12) deliciosa para os homens e animais” (CELANO, 2018, p.82), que Francisco com sua “voz forte, voz doce (cf. Ct 2,14), voz clara e voz sonora”, cantou com maior frequência o “*Laudato si’ mi’ Signore*”.

Esse mesmo verso do Cântico das Criaturas de Francisco Assis, foi escolhido pelo Papa Francisco como título da sua Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. Para ele, o *poverello* de Assis: “é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade” (LS10). Desse modo, todos esses atributos são elucidados no presépio. O cuidado pelo que é frágil se apresenta a nós, na figura do recém-nascido, bem como o cuidado por uma ecologia integral nos é demonstrado no encontro harmonioso de todas as criaturas ao redor do Menino Jesus na manjedoura. Portanto, no

presépio vemos “uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” (LS 89).

Na narrativa do presépio, o cuidado se manifesta de muitos modos. Torna-se evidente a cautela e o zelo da mãe com o seu filho primogênito, que após o parto “envolveu-o em faixas e deitou-o numa manjedoura” (Lc 2,7b). O cuidado remete exatamente àqueles gestos espontâneos que demonstram afeto e manifestam o carinho à pessoa a quem se ama. A figura materna é sempre expressão elevada do amparo, da sensibilidade e principalmente da gratuidade. Desse modo, “Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido” (LS 241), da Terra, “mãe” e “irmã” de todos os viventes, pois nela todos os seres vivos, todas as criaturas, inclusive todos seres humanos tem nela o seu sustento e o seu habitat.

Jesus Cristo também teve o seu habitat, isto é, o seu berço na abertura da Terra. Como qualquer outro ser humano, Ele é filho do cosmo, da Terra, de Adão (que significa filho da terra), conforme indica a genealogia lucana. Com efeito, o acontecimento único e singular de ser a encarnação do Filho do Pai não desfez a sua condição biológica e histórica. Ao contrário, “Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei” (Gl 4,4). Jesus nasceu de uma mãe humana assim como nascem todos demais seres humanos. Tendo nascido do ventre de Maria, Jesus teve como berço uma possível abertura rochosa da Terra, destinada aos alimentos dos animais que durante a noite eram acomodados no compartimento debaixo da casa. Jesus saiu do ventre de Maria para ser recebido no colo da Terra, isto é, na cavidade dos rochedos de Belém. Assim, como anunciava o profeta Isaías: “os rochedos inacessíveis serão seu refúgio” (Is 33,16).

É nas profundezas da Terra, que Jesus foi depositado ao nascer e ao morrer. Foram as entranhas da Terra lhe serviram de berço em Belém e de túmulo em Jerusalém, possivelmente para indicar que o ciclo da hospedagem humana na Terra tenha seu início no nascimento e seu término no sepultamento. Todos temos uma mesma origem e o mesmo destino, o humus, a terra fértil. No entanto, segundo Tolentino: “O nascimento humano de Deus inaugura, porém, um esperançoso contraciclo: a nossa vida deixa de explicar-se como uma marcha do nascimento para a morte para efetivar-se na imagem de um incessante renascer” (MENDONÇA, 2013, p.88). A partir daí, podemos entender que o Menino reclinado sobre o presépio de Belém é o “primogênito” (Lc 2,7) de todas as criaturas. Assim, como no túmulo desponta o Ressuscitado, o “novo primogênito”, o princípio e o fim da nova criação, o esplendor cósmico que perpassa e preenche as lacunas da Terra.

Nesse sentido, na carta apostólica *Admirabile Signum*, sobre o significado e o valor do presépio, o Papa Francisco nos diz que “Jesus é a novidade no meio de um mundo velho, e veio para curar e reconstruir, para reconduzir a nossa vida e o mundo ao seu esplendor original” (AS, 4). Na perspectiva lucana, o anúncio do anjo aos pastores traz a surpreendente novidade: “nasceu-vos hoje, na cidade de Davi, um salvador, que é Cristo-Senhor” (Lc 2,11). Jesus é o conteúdo do anúncio, a novidade divina sempre atual, isto é, a salvação (*sotér*) do

mundo. Ele é o messias que Deus ungiu (*Christós*) para restaurar a integridade da vida e Senhor (*Kýrios*) do universo, Aquele que inaugura um cosmo novo.

Em Jesus Cristo, a glória de Deus Altíssimo desceu as cavidades da Terra para estabelecer a paz, a plenitude da vida, a harmonia douradora. Essa é a mensagem que vem dos anjos, mensageiros de Deus: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens, seus amados”. Nas alturas do céu brilha para os anjos a glória de Deus e no presépio nasce a plenitude da paz (*eirene*) sobre a terra. Em virtude do nascimento de Jesus, o céu e a terra se harmonizam. O Deus “das alturas” inclina-se sobre a “a terra”, aos destinatários da sua benevolência. Com efeito, a humanidade é o receptáculo do amor gratuito e universal de Deus. Porém, o que presenciamos em nossa Casa Comum não corresponde a compaixão, a solidariedade, a justiça e a paz, mas à predominância do egoísmo, das injustiças, das guerras, da violência, da corrupção e da opressão.

A mensagem que vem dos anjos aos pastores, segundo Lucas, é de reconciliação e de paz (*eirene*), no sentido de harmonia, integridade. De acordo com a *Laudato’ Si*: “uma convivência ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós” (LS 225). Todavia, o que vemos nos presépios é a harmonia restabelecida entre o Criador, a humanidade e toda a criação. Os pastores nos mostram em que direção procurar a plena harmonia. Eles representam a humanidade inteira, principalmente os empobrecidos, vulneráveis e famintos deste mundo que anseiam e agradecem a Deus pela sua visita.

Esses pastores “foram então às pressas, e encontraram Maria, José e o recém-nascido deitado na manjedoura” (Lc 2,16) em Belém. Apressadamente foram ao encontro daquele que “visitou libertou o seu povo” (Lc 1,68). A hospitalidade pressupõe visita, abertura, diálogo e se concretiza quando então sentamos à mesa diante dos alimentos e celebramos o encontro a generosidade dos frutos da natureza. Desse modo, a refeição nunca é apenas nutrição, mas consumação de uma convivência. Tudo é colocado à disposição dos hóspedes. Nesse sentido, o próprio Deus por sua encarnação se fez hóspede e alimento em Jesus. Esse Deus assim tão próximo quis identificar-se com os outros hóspedes, principalmente os famintos, sedentos, migrantes, etc. E com eles quis sempre comer, partilhar o essencial e prolongar a sua presença sendo o alimento substancial de toda a criação.

A hospitalidade também envolve abertura e coragem para superar as estranhezas que causam a desconfiança, o afastamento e até a rejeição do outro. Provavelmente, os pastores correm ao encontro do Menino provocados pela curiosidade, pela vontade de conhecê-lo, saber da sua vida e da sua origem, até então considerado um estranho. Mas é diante da manjedoura, que o Deus-criança deixou de ser estranho. Nesse sentido, Jesus considerado estranho revela dimensões escondidas da realidade que não percebemos ainda. Mas, na medida em que se torna conhecido se estabelece a reciprocidade, o acolhimento. Portanto, a manjedoura é sinal para reconhecê-lo, o lugar onde é preciso encontrá-lo.

Sobre essa hospitalidade dos pastores, o Papa Francisco nos diz que eles: “são os mais humildes e os mais pobres que sabem acolher o acontecimento da Encarnação. A Deus, que vem ao nosso encontro no Menino Jesus, os pastores respondem se colocando a caminho rumo a Ele, para um encontro de amor e de grata admiração” (AS, 5). Precisamos aprender deles a direção da hospitalidade para encontrar com Jesus Cristo na manjedoura, “Pois, nela repousa o pão vivo, que desceu do céu” (Jo 6,51). Todavia, “o pão é sinal do que é essencial à vida, de tudo aquilo de que nossa sobrevivência depende, e sem o qual não conseguimos existir” (MENDONÇA, 2013, p.90). Segundo Tolentino: “Todas as vidas cabem na imagem cotidiana, quase trivial do pão que se parte e reparte. Porque as vidas são coisas semeadas, crescidas, maturadas, ceifadas, trituradas, amassadas: são como pão (MENDONÇA, 2013, p.90).

A manjedoura faz pensar nos animais que encontram nela o seu alimento, o sustento, isto é, na sua sobrevivência. Dessa forma, a manjedoura torna-se uma alusão à mesa da fraternidade, da partilha, da comunhão, ou seja, os que rodeiam a mesa se alimentam do mesmo pão. Entorno da manjedoura de Jesus todas as criaturas recebem o seu sustento. Segundo São Beda: “Embora a concepção de Jesus tenha lugar em Nazaré, o recenseamento obriga Maria a mudar-se para Belém, para que o seu Filho nasça na cidade de Davi, Belém, que significa “casa do pão” (BEDA *apud* JUST, 2016, p.81). Portanto, Belém deveria ser nossa Casa Comum, isto é, a Casa do Pão de todos os nossos irmãos e irmãs. Mas, é árduo falar de Casa Comum, de Belém, se muitos hóspedes desta casa, vivem ou morrem com fome todos os dias. O egoísmo compromete um projeto de cuidado integral com a Casa Comum.

Em vários trechos da *Laudato Si*, o Papa Francisco nos chama a atenção para a beleza dos ecossistemas e de cada ser, a fim de nutrir em nós o encantamento, a admiração e o respeito. Desse modo, o Papa nos recorda a “admiração contemplativa” (LS 125) de São Francisco. Sem esse olhar de admiração e de contemplação, “sem esta abertura para a admiração e ao encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador” (LS 11). Na *Admirabile Signum*, o Papa Francisco, nessa mesma perspectiva, nos convida a seguinte reflexão: “Por que motivo o Presépio causa tanta admiração e nos comove? Antes de mais nada, porque manifesta a ternura de Deus” (AS 3).

Ele, o Criador do universo, abaixa-se até à nossa pequenez. Somos atraídos pelo presépio a contemplar a ternura de Deus, num conjunto harmônico de organismos que circundam o recém-nascido na manjedoura. O fascínio e a admiração fazem também que os presépios sejam lugar da criatividade humana, para demonstrar a possível harmonia da Casa Comum, por meio de uma consciência de ecologia integral.

CONCLUSÃO

Neste ano comemorativo dos oito séculos do presépio de Francisco de Assis temos muito a contemplar juntos às demais criaturas que vão ao porão e/ou à cavidade rochosa da

casa de Belém e encontram na manjedoura o Filho de Deus, um frágil recém-nascido envolto em faixas, tendo a companhia de pessoas e animais. Olhando para o presépio notamos a coexistência saudável dos seres vivos que ali estão, isto é, uma harmonia possível para toda a nossa Casa Comum e a vida em toda sua extensão. Tanto a inspiração lucana da narrativa do presépio, quanto a elaboração franciscana do cenário da manjedoura nos despertam para o cultivo de uma ecologia integral, fundada no Filho de Deus, que assume em si toda a Criação.

A manjedoura de Belém é símbolo da restauração de toda a criação. Nela o Criador não se coloca diante do criado, mas nela habita e nela encontra seu berço. Na fissura da terra, na manjedoura, o Verbo encarnado é a semente que irá desabrochar a “nova criação”. Como através do Verbo desabrochou-se a “criação inicial”, assim também por obra do mesmo Verbo acontecerá a “nova criação”. O Filho encarnado é designado o “primogênito de toda a criação” (Col 1,15) e “n’Ele foram criadas todas as coisas” (v.16). Na manjedoura de Belém podemos vislumbrar o esplendor cósmico, o verdadeiro primogênito do universo reclinado no colo da Terra. Portanto, o Primogênito da criação quis caber na manjedoura, quis na terra repousar.

Contemplar o nascimento do Menino-Deus no presépio é ir ao encontro do mistério de Deus que se faz próximo de toda a criação, que se faz Deus conosco e nos coloca na mais perfeita harmonia. Ao fazermos a experiência do presépio, nasce em nós a admiração e o encanto por tão grande dom que nos fora concedido: o Céu se une à Terra, isto é, o Deus Altíssimo se fez o Deus pequenino e frágil. Podemos afirmar que o mundo não é mais o mesmo com o evento do Presépio. No nascimento de Jesus, Deus restaura toda a obra da criação, recordando os seres humanos seu destino e da sua origem divina.

Na escola de Lucas e de Francisco de Assis, fazemos a experiência do presépio como “lugar teológico”, o lugar do conhecimento de Deus que se revela a nós. O Deus Altíssimo ao entrar neste mundo quis dormir na manjedoura do gado. Parece algo inacreditável e/ou incompreensível. Até então parecia haver uma distância incomensurável que separava a manjedoura do seu hóspede, o Senhor do Universo. Aquele que ocupa todo o Céu quis caber numa manjedoura. Essa realidade se torna espantosa e nos deixa sem fala. A manjedoura se tornou a porta de acesso da proximidade de Deus com a Criação e vice-versa.

No centro do presépio de Lucas, de Francisco e nos mais diversos espalhados pelo mundo está o Menino, para quem todos olham. Mas, quando tomamos uma visão mais geral, o centro do Presépio está na manjedoura, onde quer que ela se coloque na composição criativa e singular de cada cenário montado. É para manjedoura onde todos olham, porque nela está o Menino-Deus, no qual todos ficam admirados. Essa admiração e o encantamento gerado em nós, ao fazermos a experiência do presépio, se torna um recurso pedagógico na vivência e no processo de uma consciência ecoteológica. Nas mais variadas montagens de presépio nós podemos contemplar uma harmonia e equilíbrio na coexistência dos astros, das plantas, dos animais e das pessoas. Deste modo, o presépio prefigura a coexistência saudável entre os seres vivos, considerando o cuidado com a Casa Comum e a vida em toda sua extensão.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA de Jerusalém. 10ª.ed. São Paulo: Paulus, 2015.
- BROWN, Raymond E; FITZMYER, Joseph A; MURPHY, Roland E. (Orgs.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2011.
- BROWN, Raymond E. *O Nascimento do Messias*: Comentário das Narrativas da Infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BROWN, Raymond E. *Um Cristo adulto no natal*. São Paulo: Loyola, 1990.
- CASALEGNO, Alberto. *Lucas: A caminho com Jesus missionário*. São Paulo: Loyola, 2003.
- CHAUVET, Louis-Marie. *Símbolos e Sacramento*: Uma releitura sacramental da existência cristã. São Paulo: Loyola, 2023.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Documento do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 6.ed. Coordenação de Darci L. Marin. São Paulo: Paulus, 2012.
- FRANCISCO. *Carta apostólica Admirabile Signum: sobre o significado e o valor do presépio*. Brasília: CNBB, 2020.
- FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si'*: sobre os cuidados com a casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- JUST, Arthur A. Jr. (org.); ODEN, Thomas C (ed.). *Evangelio según San Lucas*. 2. ed. Madrid: Ciudad Nueva, 2016.
- JUSTINO, Mártir. *I e II apologias*: diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995.
- LIBÂNIO, João Batista. *Linguagens sobre Jesus*: linguagens narrativa e exegética moderna. v. 2. São Paulo: Paulus, 2012.
- MASCILONGO, Paolo; LANDI, Antonio. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Petropolis: Vozes, 2022.
- MCKENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.
- MENDONÇA, José Tolentino. *Pai nosso que estais na terra*: o Pai-Nosso aberto para crentes e não crentes. São Paulo: Paulinas, 2013.
- MURAD, Afonso. *Janelas abertas*: fé cristã e ecologia integral. São Paulo: Paulinas, 2022.
- ORIGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.
- PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.
- RATZINGER, Joseph. *A infância de Jesus*. São Paulo: Planeta, 2012.
- TORQUARTO, Rivaldave P; ROZIN, Claudemir. *Jesus e sua Mãe*: estudos de exegese bíblica. São Paulo: Loyola, 2020.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto, 1942.